

Nair de Teffé – uma mulher entre a arte e a política

MARIO CHAGAS

Aos 83 anos, em 1969, Nair de Teffé gravou um depoimento para o Museu da Imagem e do Som, contando com a participação, na condição de entrevistadores, de Diva Lemos, Mozar Araújo e Ricardo Cravo Albim. Tendo iniciado às 15 horas, o depoimento alongou-se formalmente até às 17 horas e vinte minutos. Ao todo foram mais de duas horas de conversa com uma mulher de espírito jovem, bem humorada, inteligente e de extraordinária lucidez.

Filha caçula de Antônio Luís von Hoonholtz (almirante barão de Teffé) e de Maria Luisa Dodsworth, que tinham ainda mais três filhos homens, Nair de Teffé nasceu no dia 10 de janeiro de 1886¹, na cidade do Rio de Janeiro, na antiga rua Mata-Cavalos, hoje rua Riachuelo.

Com um pouco mais de um ano de idade foi levada para a França, onde residiu em Paris e Nice, mas também circulou pela Bélgica e pela Itália. Em 1893 a família retornou ao Brasil, mas, em menos de um ano, voltou para a França.

¹ Nair de Teffé faleceu no dia 10 de janeiro de 1981, quando completava 95 anos.

A formação educacional e cultural da jovem Nair ocorreu na Europa, no período de 1887 a 1903, ocasião em que a família retornou definitivamente

ao Brasil. Essa formação envolveu o aprendizado do teatro, da pintura, do desenho, da caricatura, da música, incluindo o piano e o canto, além de transformá-la em poliglota. O motivo do retorno, no entendimento e na memória que guardou dos tempos de menina, estava centrado nela mesma e nos interesses do pai em relação ao futuro da filha. Segundo Nair de Teffé, às vésperas dos seus 17 anos, seu pai teria decidido retornar ao Brasil, pois não queria que ela se casasse “com um estrangeiro”².

Ao retornar, em 1903, a família fixou residência em Petrópolis, onde a jovem Nair viveu dos 17 aos 27 anos, quando então se casou. Nesse intervalo, exercitou a arte da caricatura de um modo especial e singular.

Por sugestão de um de seus irmãos, assumiu o pseudônimo de Rian. Além de ser um anagrama do seu próprio nome, Rian corresponde à transcrição literal em português, de como se pronuncia a palavra “rien” que, em francês, significa “nada”, dando, portanto, ao pseudônimo um delicado e sofisticado toque de humor niilista.

Sob o pseudônimo de Rian, a artista publicou nos periódicos Fon-Fon, O Binóculo, A Careta, O Malho, Gazeta de Notícias, Gazeta de Petrópolis, Le Rire, Fêmina e outros. Em muitas de suas caricaturas predomina uma tendência colorista bastante peculiar; além disso, seu traço era considerado, por muitos críticos, como ágil, vibrante e capaz de registrar (para o bem e para o mal) aspectos da personalidade do caricaturado. A rigor, Rian foi uma artista sensível, expressiva, corajosa, vanguardista, independente e, acima de tudo, foi a primeira mulher a publicar caricaturas na imprensa brasileira.

No entanto, como indica Antonio Edmilson Martins Rodrigues, “Nair não foi apenas a primeira caricaturista brasileira. Com outras mulheres cariocas, como a jornalista Eugenia Moreira (1898-1948) e a “diva dos salões” Laurinda Santos Lobo (1878-1946), ela agitou a sociedade ao flertar com o modernismo e as pretensões feministas da época. Mal sabia ela que suas ideias acabariam tendo eco junto à autoridade máxima do país e mudariam por completo o seu futuro”³.

² Ver depoimento publicado no livro de Solange Mello do Amaral, denominado *Discurso autobiográfico: o caso Nair de Teffé*. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007, p.139.

³ Ver artigo de Antonio Edmilson Martins Rodrigues, publicado na *Revista de História*. <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/primeira-e-eterna-dama>.

O casamento desejado pelo pai, com um brasileiro, demorou pelo menos uma década para acontecer e essa demora não estava associada à falta de dotes físicos e econômicos. Nair foi considerada uma das mulheres mais belas e cultas de sua geração e sabia despertar, quando queria, e despertava mesmo quando não queria, a atenção dos homens e das mulheres; além disso, sua família era economicamente bem situada. A decisão de não se casar e de investir na carreira artística era dela e estava em sintonia com a sua visão de mundo e com o espírito do tempo que ajudava a construir. E nesse tempo Rian tornou-se uma artista famosa, além de publicar caricaturas já realizava exposições individuais, como aquela que fizera no salão do Jornal do Comércio, em 1912, e que fora visitada pelo presidente da República, mesmo debaixo de um pesado temporal.

O desejado casamento veio a ocorrer em 1913 e apresentava um caráter surpreendente. A jovem Nair de Teffé, aos 27 anos, fora pedida em casamento, durante um passeio a cavalo, pelo presidente da República⁴, o excelentíssimo senhor Hermes da Fonseca, 31 anos mais velho que ela e que recentemente ficará viúvo de Orsina da Fonseca⁵. O pedido foi realizado e aceito em janeiro, oficializado em setembro e o casamento consumou-se em dezembro de 1913. Os filhos do presidente, de acordo com o noticiário da época⁶, não aprovaram e não compareceram ao casamento; posição diferente seria adotada pelos irmãos e pelo pai de Nair. No arquivo do Museu da República encontram-se duas fotografias que registram o casal no dia da festa matrimonial. No Palácio do Catete, no primeiro andar, por trás da escadaria principal, encontra-se a reprodução do monumento a Frederico da Prússia, modelada por C.H.Rauch, em Essen (Alemanha), presenteada pelo industrial da siderurgia e dos armamentos bélicos alemães, senhor Krupp Von Bohlen und Halbach, ao marechal Hermes da Fonseca, por ocasião de suas segundas núpcias.

Nair de Teffé foi a primeira dama⁷ mais jovem, mais ousada, mais irreverente e mais polêmica da história do Brasil. O seu casamento com o presidente da República em pleno mandato foi motivo de muita crítica por parte da imprensa conservadora e dos inimigos políticos, a começar por Rui Barbosa, derrotado por Hermes da Fonseca nas eleições presidenciais de 1910⁸.

4 Não há na história do Brasil caso similar. Nenhum outro presidente casou-se durante o mandato presidencial; logo, nenhuma outra mulher tornou-se primeira dama durante um mandato presidencial.

5 O nome Orsina da Fonseca foi atribuído ao Instituto Profissional Feminino em homenagem à esposa do presidente da República, após a sua morte em dezembro de 1912.

6 Ver nota publicada no jornal O Estado de São Paulo, no dia 9 de dezembro de 1913.

7 De acordo com o depoimento de Nair de Teffé nos anos de 1913 e 1914 não se falava em "primeira dama", mas apenas em "mulher do presidente". Ver depoimento publicado no livro de Solange Mello do Amaral, denominado Discurso autobiográfico: o caso Nair de Teffé. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007, p.149.

Durante menos de dois anos Nair de Teffé Hermes da Fonseca⁹ foi primeira dama e esse foi um tempo suficiente para que ela realizasse uma revolução de costumes, desafiando convenções, quebrando tabus, impondo nossos hábitos e ritmos. Em primeiro lugar ela passou a tratar o Palácio do Catete como a casa ou o lar do presidente da República, como um recinto que deveria ser vivenciado no cotidiano e nisso é que residia o extraordinário; em segundo lugar ela abriu os salões do Palácio do Catete para o contemporâneo, para o moderno, para o inovador, para o brasileiro¹⁰.

Nair de Teffé viveu entre a arte e a política com a consciência de que seus gestos artísticos modernos e inovadores tinham extraordinário impacto num mundo político conservador e patriarcal. O Palácio do Catete foi palco para experimentos estéticos, como aquele em que apareceu em uma reunião ministerial, presidida por seu marido, “trajando um vestido em cuja roda havia feito caricaturas de todos os ministros da República. Sua afronta foi um verdadeiro escândalo.”¹¹

Foi durante o seu tempo como primeira dama que ela realizou saraus e recitais que despertaram a ira e o ódio dos inimigos políticos. De acordo com o seu próprio depoimento foi Catulo da Paixão Cearense quem recomendou que ela fizesse um sarau diferente, um sarau com sotaque brasileiro:

“Catulo Cearense! Um dia chegou perto de mim e disse: “Olha, eu vou lhe dar um conselho, porque eu sou mais velho. Você faz essas festinhas, essas coisinhas aí no Palácio, mas canta em francês, em alemão, em inglês e sei lá o que e não cantam... não falam uma coisa só, na nossa língua!” E eu disse: “E o que eu tenho que fazer?”; “Tenha um repertório mais brasileiro, mais regional”. Eu fiquei matutando e disse a ele: “Então eu vou fazer um programa de coisas brasileiras (...). Ele era meu professor de piano no Palácio”¹².

Foi em sintonia com essa sugestão que em maio de 1914 foi realizado para um grupo de amigos do casal um recital de modinhas tocadas ao violão. Os opositores do presidente Hermes da Fonseca apressaram as suas críticas, afirmando que levar o violão¹³ para o Palácio do Catete, um instrumento relacionado à boemia e aos maus costumes, era quase um “crime hediondo”¹⁴, um “insulto à Nação”¹⁵.

8 Nem sempre a derrota enobrece o homem ou a mulher. Esse é um tema contemporâneo.

9 Esse é o nome oficial de Nair de Teffé, após o casamento. Há uma Escola Municipal, na cidade do Rio de Janeiro, no bairro de Sepetiba, que leva o nome Nair da Fonseca, referindo-se à Nair de Teffé. O curioso é que esse nome bastante disciplinado e disciplinador não traduz a importância histórica de Nair e não produz vínculos imediatos com a sua potência criativa. É como se a escola se referisse a outra personagem, o que não é verdade.

10 Talvez seja instigante pensar que Nair de Teffé era modernista, antes mesmo da Semana de Arte Moderna.

11 Ver artigo denominado Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as mulheres dos séculos XIX e XX, escrito por Ivanete Paschoalotto da Silva e Ivana Guilherme Simili. <http://www.fafiman.br/seer/index.php/dialogosesaberes/article/viewFile/295/287>

12 Ver depoimento publicado no livro

de Solange Mello do Amaral, denominado Discurso autobiográfico: o caso Nair de Teffé. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007, p.150.

13 Idem. Segundo Nair o seu professor de violão chamava-se Erminio Pereira.

14 Ibidem. p.149. Nair em seu depoimento ironiza as críticas.

15 Ver artigo denominado Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as mulheres dos séculos

XIX e XX, escrito por Ivanete Paschoalotto da Silva e Ivana Guilherme Simili. <http://www.fafiman.br/seer/index.php/dialogosesaberes/article/viewFile/295/287>

16 Em seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som Nair de Teffé afirma: “Ajudei Chiquinha Gonzaga que era uma velhinha humilde, muito pobrezinha, quietinha... Mas, teve fama, porque todo mundo falou nisso. E foi só o que fiz.”

17 Ver artigo denominado Nair de Teffé: uma narrativa biográfica para as mulheres dos séculos XIX e XX, escrito por Ivanete Paschoalotto da

Já no fim do mandato presidencial, na noite de 26 de outubro de 1914, Nair organizou uma espécie de despedida e realizou outro recital com um repertório brasileiro. Convidou mais uma vez amigos do casal, autoridades, o corpo diplomático e, na ocasião, quebrando protocolos e convenções, acompanhada por Catulo da Paixão Cearense, executou ela mesma, ao violão, o “Corta-Jaca” de Chiquinha Gonzaga¹⁶. Esse recital ficou famoso e entrou para a história como a noite do “Corta-Jaca”.

Como sugerem Ivanete Paschoalotto da Silva e Ivana Guilherme Simili: “Dá para se imaginar o escândalo causado por tal recepção. Como a mulher do presidente tinha a audácia de abrir as portas do Catete, ambiente de formalidades onde imperava a música erudita, e lançar o “Corta-Jaca”, ritmo considerado cafona, barrado nos salões da elite por ser considerado vulgar e imoral pelos conservadores? Segundo consta na literatura histórica, a Igreja Católica chegou até a condenar o maxixe por ser indecente”¹⁷.

Dezesseis dias mais tarde a noite do “Corta-Jaca” ainda reverberava e viria a entrar para os anais do Senado Federal, em virtude da virulenta manifestação de Rui Barbosa que dizia:

“Uma das folhas de ontem estampou em fac-símile o programa da recepção presidencial em que diante do corpo diplomático, da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, aqueles que deviam dar ao país o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados elevaram o Corta-Jaca à altura de uma instituição social. Mas o Corta-Jaca de que eu ouvira falar há muito tempo, que vem a ser ele, Sr. Presidente? A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba. Mas nas recepções presidenciais o Corta-Jaca é executado com todas as honras da música de Wagner, e não se quer que a consciência deste país se revolte, que as nossas faces se enrubescam e que a mocidade se ria?”¹⁸

Com esse discurso vingativo e preconceituoso Rui Barbosa fez mais mal a si mesmo do que aos Hermes da Fonseca.

Durante 9 anos e 9 meses, como ela mesma faz questão dizer¹⁹, Nair esteve casada com o marechal Hermes da Fonseca. Após a morte do marido (1923), veio a morte do pai (1931), seguida da morte da mãe (1934). Essas sucessivas mortes contribuíram para afastar por mais ou menos 20 anos a primeira-e-eterna-dama²⁰ de suas produções artísticas e intervenções culturais. Nesse intervalo de tempo ela adotou quatro crianças (Tânia, Carmem, Lisete e Paulo Roberto) e investiu na construção do Cinema Rian, em Copacabana, posteriormente vendido para Luiz Severiano Ribeiro²¹.

O seu retorno, como ela reconhece, deveu-se à intervenção do pesquisador Herman Lima que solicitou na década de 1950, de modo dramático e performático, a sua contribuição para o livro sobre a História da Caricatura que ele estava organizando. Foi esse sinal que reacendeu a vida cultural e artística de Nair de Teffé que, afastada da política, passou a dar mais atenção aos jovens artistas de televisão e rádio, especialmente à denominada jovem guarda. No acervo do Arquivo do Museu da República encontra-se uma caricatura colorida e que retrata Hebe Camargo e Wanderlea²².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No dia 04 de outubro de 1967, Ledy Mendes Gonzalez publicou em O Jornal, dos Diários Associados, uma reportagem denominada “Viúva de Hermes da Fonseca é uma jovem aos oitenta e um”. Nessa entrevista Nair foi apresentada como uma mulher “alegre, extrovertida e espiritualmente jovem”²³. É curioso perceber como ano após ano, entrevista após entrevista, Nair de Teffé se mantinha coerente e não se apresentava como personagem subalterna, acima de tudo ela era artista.

De acordo com as informações de Ledy Gonzalez, na ocasião da entrevista, Nair estava trabalhando na produção de caricaturas de “pessoas que, por uma razão ou por outra, atingem a sua sensibilidade”. Dessa forma, “vai compondo sua galeria de tipos de Niterói e do cenário artístico brasileiro, já tendo caricaturado, entre outros, os seguintes: Agnaldo Rayol (seu favorito), Moacir Franco, Ioná Magalhães com Carlos Alberto (cena de uma novela de

Silva e Ivana Guilherme Simili. <http://www.fafiman.br/seer/index.php/dialogosesaberes/article/viewFile/295/287>.

18 Ver o artigo Corta-jaca: o escândalo do Palácio, disponível em <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/corta-jaca-o-escandalo-do-palacio>.

19 Ver depoimento publicado no livro de Solange Mello do Amaral, denominado Discurso autobiográfico: o caso Nair de Teffé. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007, p.169.

20 Ver artigo de Antônio Edmilson Martins Rodrigues, publicado na Revista de História. com.br <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/primeira-e-eterna-dama>

21 Ver depoimento publicado no livro de Solange Mello do Amaral, denominado Discurso autobiográfico: o caso Nair de Teffé. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007, p.173-174.

22 Na parte inferior da prancha que contem a caricatura consta a assinatura “Rian” e a seguinte dedicatória: “À

TV), Hebe Camargo, Wanderlea, Bibi Ferreira e Grande Otelo, este último já colocado em moldura e com a dedicatória *grande no nome e no renome (...)*.²⁴

Nair de Teffé, na condição de primeira-dama, passou pouco tempo no Palácio do Catete, mas a sua passagem, com toda certeza, está entre aquelas que mais revolucionaram esse próprio Palácio que lhe serviu de palco para performances artísticas e atuações políticas. De modo definitivo, entre a arte e a política, Nair vinculou o seu nome e a sua imagem ao Palácio do Catete e, portanto, ao Museu da República.

MARIO DE SOUZA CHAGAS

Poeta. Graduação em Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio – 1976), Licenciatura em Ciências pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj – 1980), mestrado em Memória Social pela Unirio (1997) e doutorado em Ciências Sociais pela Uerj (2003). Um dos responsáveis pela Política Nacional de Museus (lançada em 2003) e um dos criadores do Sistema Brasileiro de Museus (SBM), do Cadastro Nacional de Museus (CNM), do Programa Pontos de Memória, do Programa Nacional de Educação Museal (Pnem) e do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram). Fundador da Revista Brasileira de Museus e Museologia – MUSAS e criador do Programa Editorial do Ibram. Atualmente é professor da Unirio, com atuação na Escola de Museologia, nos Programas de Pós-graduação em Memória Social (Ppgms) e em Museologia e Patrimônio (Ppgpmus), é assessor cultural do Museu da República, professor visitante da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), professor colaborador do Programa de Pós-graduação de Museologia da Universidade Federal da Bahia (Ufba), conselheiro científico do Museu de Astronomia e Ciências Afins (Mast), membro do conselho consultivo dos Cadernos do Ceom da Unochapecó e dos Cadernos de Sociomuseologia da ULHT. Tem experiência no campo da museologia e da museografia, com ênfase na museologia social, nos museus sociais e comunitários, na educação museal e nas práticas sociais de memória e patrimônio. E-mail: pmariosc@gmail.com

OBRA [PÁGINA 58]

Caricatura de Hebe Camargo e Wanderlea Assinada com Pseudônimo “Rian”
Dedicatória: “À linda repórter dos Diários Associados que cativa pela simpatia que dela emana, oferece Nair de Teffé”.

Acervo e fotografia: Museu da República – RJ/IBRAM/MinC.

MAIS INFORMAÇÕES



Linda repórter dos Diários Associados que cativa pela simpatia que dela emana, oferece Nair de Teffé”.

23 A referida reportagem encontra-se no acervo do Arquivo do Museu da República.

24 Ver a reportagem acima citada, publicada no dia 04 de outubro de 1967, em O Jornal.